

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luciana Vieira de Freitas Nogueira

O MASSACRE DE SUZANO SOB A ÓPTICA DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Raphael Bispo dos Santos.

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Luciana Vieira de Freitas Nogueira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201773063A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O MASSACRE DE SUZANO SOB A ÓPTICA DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES** desenvolvido durante o período de 05/08/2019 a 27/11/2019 sob a orientação de Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Luciana Vieira de Freitas Nogueira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O MASSACRE DE SUZANO SOB A ÓPTICA DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Luciana Vieira de Freitas Nogueira¹

RESUMO

Em meados de março de 2019, dois ex-alunos da Escola Estadual Professor Raul Brasil, no interior de São Paulo, foram os responsáveis pelo que ficou conhecido como “o massacre de Suzano”, que deixou mortos e feridos entre os que ali estavam. O presente artigo busca entender, usando como meio de análise a antropologia das emoções, as motivações que levaram a dupla a cometer tal citada atrocidade, como também os possíveis discursos que a permeiam. Para tal, foi usado como objeto de estudo um levantamento feito com matérias jornalísticas sobre o ataque. Buscou-se analisar a maneira como os assassinos são retratados na imprensa e o teor dos comentários dos internautas sobre o caso.

Palavras-chave: Massacre de Suzano. Mídia. Gestão das emoções. Masculino.

INTRODUÇÃO

No dia 13 de março pela manhã, a Escola Estadual Prof. Raul Brasil, localizada em Suzano, na Grande São Paulo, foi palco de um massacre causado por dois ex-alunos daquela unidade, os quais portavam um revólver calibre .38, um arco e flecha e uma besta (arma medieval utilizada para atirar flechas). Os jovens, que tinham 17 e 25 anos (e que terão seus nomes ocultados neste texto), entraram na escola no horário de intervalo e abriram fogo contra estudantes e funcionários. Primeiro, eles atiraram em uma coordenadora pedagógica e em uma supervisora. Depois, se dirigiram ao pátio, onde atingiram alunos de ensino médio. Logo após, um deles atirou no parceiro e, em seguida, suicidou-se.

Após a tragédia que deixou 10 mortos e 11 feridos, os principais meios de notícias confeccionaram reportagens que buscavam compreender as motivações dos assassinos enquanto relatavam também a dor das famílias das vítimas e o medo vivido pelos sobreviventes. Entretanto, o debate veiculado pelas mídias resultante da atrocidade não chega a receber um caráter de estudo social, pois sua pretensão é a de manter-se como uma manchete a ser vendida, sendo assim, os textos informativos sobre o ocorrido relatam informações factuais e especulações que, ao serem analisadas individualmente, são rasas quanto a fornecer uma explicação sobre os fatores que antecederam o massacre. As hipóteses levantadas pelos internautas dos meios jornalísticos passam por relações familiares conturbadas, explicações religiosas, acesso ao armamento e histórico de bullying.

A metodologia presente neste trabalho foi justamente a análise desses discursos que se montam ao redor do ocorrido, tanto por parte da mídia que tinha por função noticiar os fatos e incitar um debate acerca do tema, como por parte da população que foi informada através dos mais diversos meios de informação. Para tal, a pesquisa constituiu-se na leitura das notícias que foram veiculadas no dia do massacre, assim como na observação da seção dos comentários, a qual mostrava a opinião pública das massas e suas teorias pessoais sobre o acontecimento. Com esta finalidade, os objetos de estudo escolhidos foram jornais populares como o Portal R7, o Estadão, a Tribuna de Minas e o G1, os quais são amplamente consumidos pela população por sua facilidade de acesso, matérias curtas e em linguagem acessível, além de apresentarem a informação de modo objetivo, sem gastar muito tempo com ponderações. A partir disso, foi pensado também o porquê em nenhum momento as relações de gênero se fizeram presente na discussão, tendo por objetivo demonstrar as possíveis causas que se desdobram por conta da falta de conhecimento sobre a temática e aonde buscam conhecimento aqueles que ignoram a estrutura opressiva por trás das construções sociais.

Infelizmente, o caso não é algo inédito no Brasil. Já houve um outro caso em nosso país em que um ex-aluno retorna à escola munido de uma arma de fogo, tendo como uma das motivações a vontade de extravasar seu desejo de vingança, ódio ou algum outro sentimento negativo. O caso relatado, que também ganhou as mídias na época, trata-se do tiroteio em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 2011.

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: lucianavfnog@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Esse cenário que, em um primeiro momento, assemelha-se muito ao massacre de Suzano, deixou 13 mortos (incluindo o atirador, que cometeu suicídio após o ato) e inúmeras questões em aberto. O fato da história parecer estar se repetindo serve como alerta para a maneira como a sociedade vem lidando com situações as quais ela não parece compreender, preferindo assim uma resposta imediata, sem muita profundidade, a debruçar-se sobre a problemática para descobrir o que se esconde atrás da cortina, a fim de evitar mais um sórdido episódio como esses aqui relatados.

A análise a partir da antropologia das emoções, com foco no estudo do sofrimento, permite uma observação que vai além das relações dadas socialmente, visando compreender o que leva essas estruturas sociais a se enraizarem no âmbito comportamental dos indivíduos, de maneira que ela não é mais questionada, apenas seguida, uma vez que os sentimentos, assim como a forma que eles se expressam no exterior são tidos enquanto naturais, logo universais. A abordagem antropológica traz ferramentas analíticas que auxiliam na tentativa de construir narrativas acerca dos indivíduos e seus sentimentos. A etnopsicologia, por exemplo, procura entender a psiquê humana a partir da construção da linguagem emocional e suas expressões esperadas de acordo com a cultura de um povo, ou seja, ela toma o elemento da expressão emocional como uma variável cultural (REZENDE; COELHO, 2010). Assim sendo, é possível fazer uso das diversas abordagens antropológicas das emoções para efeito de esclarecer questões postas no texto.

1. O ANONIMATO E O ACOLHIMENTO DO ÓDIO

No presente artigo, pretende-se levantar hipóteses a partir de uma cronologia do ocorrido em Suzano que se inicia pelo fim (no caso, tem seu ponto de início no massacre de Suzano), e em um movimento de recapitulação dos eventos, retrocedendo até o ponto onde se possa investigar as motivações que levaram às vias de fato. Os noticiários comprovaram, através de inspeção policial, que o ataque vinha sendo planejado há um ano e meio. A veiculação de fotos na internet de um dos sujeitos utilizando uma máscara e ostentando uma arma de fogo, postada por um dos autores do crime, demonstra certo orgulho ao plano que seria executado. Além disso, em fóruns na internet (salas de conversa virtual), os jovens atiradores comunicavam o desejo de replicar o famoso atentado de Columbine, em Colorado, nos EUA.

Também no Massacre de Columbine, em 1999, dois adolescentes estudantes do Columbine High School entraram com suas mochilas contendo bombas caseiras e armados, e assim atiraram em qualquer aluno que cruzasse seu caminho, deixando como resultado 15 mortos e vários feridos. Mais uma vez, após a matança, ambos os atiradores contam até três e, em seguida, tiram suas próprias vidas. É inegável que parece haver um padrão nos casos de tiroteios escolares: um evento sangüinário é causado por um indivíduo que frequenta ou frequentava a escola e o que se sucede é o suicídio dessa pessoa e de seus parceiros (havendo mais de um). A tragédia em Columbine ficou mundialmente conhecida, escancarando problemas antigos que ninguém tomava como sérios, e tornou-se espelho para outros jovens tais como os referidos atiradores de Suzano.

Muitos questionamentos podem ser levantados, dentre eles: De onde vem esse ódio carregado por pessoas tão jovens? Por que a maneira escolhida para o extravasar foi através da violência brutal? Como chegaram a um ponto de desumanização do outro e de si mesmo, a ponto de arquitetarem uma matança e, em seguida, um suicídio? E a pergunta fundamental é: qual o caminho traçado para se chegar a este fim, uma vez que os atentados foram planejados com antecedência, ou seja, é de uma determinação paciente movida pelo ódio e parece que também por uma espécie deturpada de orgulho, que resulta em uma tentativa de deixar um legado marcado pela brutalidade.

Voltando ao Massacre de Suzano, ocorre que nenhum dos debates levantados pela mídia chegou a tratar do que levou os autores do crime a frequentarem os fóruns online, mais especificamente, os anônimos. O que se sabe é que foi no fórum anônimo de Marcelo Mello, o *Dogolochan* - o qual oferece a sensação de impunidade ao ser um espaço de todo tipo de preconceito às minorias, sejam elas raciais, religiosas, de gênero, orientação sexual, etc - que os atiradores encontraram o que consideraram ser seu espaço de aceitação, mesmo que virtual. Sob o manto do anonimato, as pessoas do citado fórum destilam seu descontentamento raivoso no que se pode chamar de "local seguro", uma vez que ali seu ódio e ressentimento são validados e compartilhados por outros, longe de qualquer repreensão ou julgamento.

As circunstâncias que levaram estes, assim como tantos outros jovens, a se sentirem acolhidos em espaços de ódio é muito preocupante. A mensagem é clara, frequentadores do *Dogolochan* zombam, xingam e humilham pessoas que tomam por diferentes, logo, mulheres, negros, LGBT+, entre outros, são

tidos como indivíduos abaixo de seres humanos, de forma a não merecerem respeito e um lugar seguro como o deles. Pois, pela lógica do moderador do fórum, são esses indivíduos de grupos minoritários que fizeram da sociedade um lugar menos aprazível de viver, que tornaram mais difícil a vida dos que antes podiam odiar à vontade e xingar em todos os espaços, simplesmente usando o argumento da liberdade de expressão e da célebre frase “essa é minha opinião, respeite-a” (mesmo que ela esteja carregada de preconceitos). Felizmente, Marcelo foi preso e condenado por 41 anos de prisão por discurso de ódio e por ameaças à pedagoga feminista “Lola” (Dolores) Aronovich. Seu fórum, porém, permanece plenamente ativo, servindo de escudo para indivíduos seduzidos pelo ressentimento.

Portanto, a busca por um local de acolhimento pode ser observada a partir de um sentimento de não-pertencimento em uma sociedade que cada vez menos tolera os intolerantes. A fim de fazer valer o discurso da diversidade, grupos majoritários que antes tinham suas vozes ouvidas de maneira incontestável, agora possuem dificuldades em manter sua postura ao contra-argumentarem com minorias em busca dos mesmos direitos sociais. Longe de viverem numa realidade onde estes indivíduos não são incluídos na sociedade, cria-se uma realidade imaginária na qual estão sendo excluídos do compartilhamento destes direitos (os quais eles já possuem), e assim nasce o ressentimento contra aqueles que agora também possuem uma voz – e que, eventualmente, também é ouvida e dada como relevante.

A promoção da diversidade como valor em si causa desconforto àqueles que antes detinham o poder ao ignorá-la. Logo, forma-se uma percepção errônea de que o protagonismo social funciona como um bolo a ser dividido, ou seja, que é uma subtração de direitos, onde para que um grupo ganhe direitos outro grupo deve perdê-los. Assim, essa falsa afirmação começa a corroer aqueles a quem foram prometidos todo tipo de sucesso em vida, enquanto, simultaneamente, nutre esse sentimento abstrato, porém negativo, contra aqueles que supostamente acabarão por comer todas as partes do bolo.

2. A AUTOIMAGEM NA JUVENTUDE

Entretanto, não se pode definir uma causa única para justificar um episódio polêmico como o Massacre de Suzano. A busca por um lugar seguro, que pode ser traduzido como a busca pela sensação de pertencimento é, entre outras, uma das hipóteses possíveis que ajudam a explicar como jovens chegam a esse ponto trágico em suas vidas. Conforme é feita a reflexão sobre o caso, vai tomando forma uma teia de motivações, na qual vários pontos encontram-se interligados, um reforçando o outro, numa relação simultânea de causa e consequência, em um movimento quase que cíclico.

A tentativa de controle da (própria) narrativa faz surgir um personagem construído a partir da noção de sucesso provinda do sistema capitalista vigente e corroborada pelos valores da sociedade do espetáculo. Pode-se analisar que, em todos os casos famosos sobre massacres escolares, houve um uso da espetacularização da violência com a finalidade de fazer do feito algo memorável. A ideia por trás da execução é servir de inspiração para terceiros, outros jovens que se sintam injustiçados pelas promessas feitas e não cumpridas pela sociedade, e que desejam fazer “justiça” sobre isso com as próprias mãos.

A necessidade de fazer uma autoimagem, como também a de promovê-la aos outros numa tentativa de reforçar a si mesmo, comum no período da adolescência, fortalece sentimentos tais quais o ressentimento, uma vez que acaba por não se desdobrar da maneira como o indivíduo desejava. Além da pressão social para afirmar-se enquanto “alguém”, jovens nessa faixa de idade pressionam-se quanto ao desejo de formarem grupos de indivíduos que compartilham de interesses em comum, ou pelo menos de fazer parte de um grupo já formado. Ocorre que, quando estes não conseguem adentrar algum espaço de pessoas iguais a eles nos ambientes já esperados, que são espaços com aglomerados de sujeitos da mesma faixa etária e classe social, como, por exemplo, a escola, a sensação de que há algo errado (seja com eles, seja com a sociedade que vivem) se torna latente na mentalidade juvenil. Ambientes escolares, em teoria, também são ferramentas de reforço desse sucesso no meio social, servindo como uma versão de preparo para a sociedade, antecedendo a vida adulta e, assim, usando deste meio para criar noções como os laços que podem ser gerados entre as pessoas, conceitos de responsabilidade ao lidar com suas ações, e a importância de pensar no coletivo.

Além disso, o fato de estarmos em uma sociedade em constante transição faz com que grupos hegemônicos se sintam ameaçados ao verem seus privilégios serem amplamente debatidos, produzindo uma espécie de perda do sentido social com o qual já estavam habituados. Por conseguinte, a sensação de falta de lugar de pertencimento leva a uma investida que tem como fim a retomada desse “lugar social”. Infelizmente, o método escolhido é, frequentemente, a utilização da violência, seja ela através de força bruta

ou armas de fogo. Tomando por exemplo os próprios atiradores de Suzano, que se inspiraram abertamente no tiroteio em Columbine para planejar seu ataque, é possível dizer que essa seja uma tentativa de produção da autoimagem dos jovens enquanto não simplesmente assassinos movidos por bens materiais ou ordens vindas de terceiros, mas o que se tenta é criar uma figura que se assemelhe a um mártir, morrendo por seus ideais supostamente honrosos, tendo como consequência esperada a reprodução midiática em larga escala, deixando assim um legado que sugere o resgate do reconhecimento, ou seja, o “dever cumprido”.

Michelle Rosaldo diz que o corpo é social (ROSALDO, 1984), em outras palavras, que emoções são como pensamentos incorporados. Assim sendo, a dicotomia ocidental entre corpo e mente fica em segundo plano quando admite-se que as emoções ocorrem no corpo, sendo entendidas como fenômenos corporificados. Essa divisão entre razão e emoção tomada por natural acaba fortalecendo esses estereótipos masculinos que terminam em violência, uma vez que empurram um protagonismo feminino no que diz respeito a indivíduos com maior inclinação às emoções, conseqüentemente fornecendo a elas ferramentas emocionais para que possam melhor administrar seus sentimentos, assim como maneiras de expressá-los. Entretanto, é negado aos sujeitos masculinos a expressividade emocional, de modo que não aprendem nem a nomear o que sentem, ou mesmo discursar acerca dos sentimentos. A ausência das emoções enquanto prática discursiva faz com que eles procurem por outras formas de linguagem que sejam socialmente aceitas para que possam extravasar parte do que sentem, de modo que uma das linguagens escolhidas é a violência.

3. REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS E ANÁLISE DE DISCURSOS

A mídia enquanto um veículo informativo é por vezes preza pela audiência em detrimento da ética profissional. Seu ofício é o de apresentar informações de maneira clara e objetiva, noticiando os principais eventos em um determinado período, destacando aqueles de maior relevância para o público. Isso posto, é conhecimento comum que manchetes sensacionalistas com termos e expressões voltadas ao emocional de quem lê tornam o texto mais atrativo, usando de elementos apelativos para despertar a curiosidade dos leitores. As imagens abaixo têm por finalidade exemplificar as representações jornalísticas sobre o caso em questão, o Massacre de Suzano, em 13 de março de 2019, como também os comentários feitos acerca do enunciado.



(Imagem 1 “Manchete 1: o sensacionalismo midiático”. Fonte: Portal R7)



(Imagem 2 "Comentários sobre a manchete 1". Fonte: Portal R7)

Na primeira manchete, retirada de uma rede social oficial do Portal R7 (assim como os comentários), o atrativo apresentado é um vídeo que expõe o terror vivido pelos alunos na tentativa de fugir durante o tiroteio. O subtítulo inserido na postagem do vídeo, chamado "Imagens são desesperadoras", funciona como alerta ao mesmo tempo que incita o leitor através da curiosidade em ver com seus próprios olhos tamanha crueldade. A imprensa, ao veicular essas imagens que instigam e causam horror, pensa unicamente no fluxo de compartilhamento da notícia, de modo a lucrar em cima do episódio. O retorno obtido pelos comentários do público mostra o choque por parte de quem se depara com o que é noticiado, assim como especulações que buscam explicar como se deu o massacre relatado.

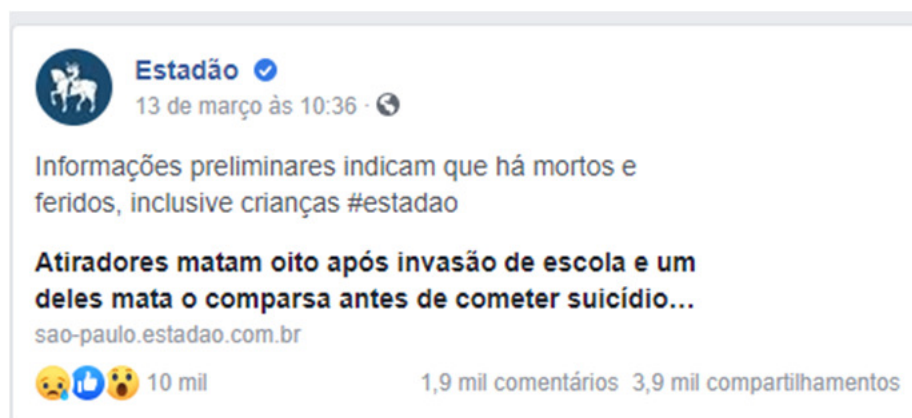
As imagens apresentadas no presente texto servem como amostra da infinidade de comentários feitos em todas as matérias que noticiaram sobre o Massacre de Suzano. Os comentários aqui exibidos foram selecionados por conta do teor de seu conteúdo, procurando exemplificar de maneira sintética o que foi encontrado com maior frequência nessas seções. Como mostrado na imagem 2, pode-se perceber que os comentários consistiam em um grande número de pessoas recorrendo ao divino, seja intercedendo pelas vítimas e suas famílias, seja usando a ausência de religiosidade como argumento para o que aconteceu pois, segundo elas, apenas Deus e os valores cristãos conseguiriam adentrar na alma dos que escolheram o caminho da violência. Tomando a explicação pelo viés religioso, a observação feita é que esse grupo de pessoas entende o evento do massacre enquanto uma situação evitável, ou seja, para esse grupo é a falta de algo na vida dos assassinos que os levariam a tomar decisões extremas, sendo que esse "algo" encontrava-se na esfera dos valores cristãos (conservadores) e familiares.

Olhando sob outro ângulo, há o grupo de indivíduos que se relacionavam com a notícia devido a traumas desenvolvidos na época escolar. Ex-alunos e pais de alunos relatavam os infortúnios trazidos pela prática do bullying pelos quais pessoas em idade escolar passam diariamente, demonstrando não exatamente uma explicação do ocorrido, mas uma compreensão do estresse que a vida escolar pode acumular em um cidadão, que uma vez não tratado enquanto trauma, pode desdobrar-se em comportamentos extremos, como isolamento ou atitudes agressivas. Ao usar de uma estratégia contextualista, a qual pensa dentro de uma forma social de elaboração do sujeito, a análise feita a partir de um histórico de bullying tenta mostrar como um indivíduo excluído por seus iguais carrega um sentimento

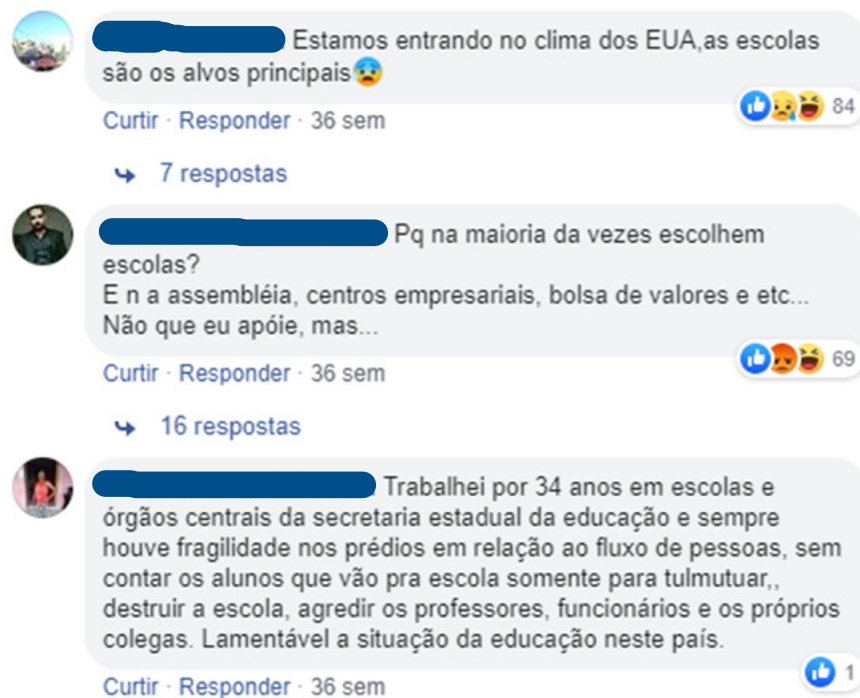
negativo de não pertencimento gerado na infância ou adolescência, e que este o acompanha mesmo durante a vida adulta, podendo fazer com que se desenvolvam outros tipos de sentimentos como de falta de confiança em si mesmo e nos outros, como também o surgimento de um desejo de vingança.

Um terceiro grupo trazia a questão da constante exposição dos jovens a elementos que remetem a violência tal como jogos nos quais se conquista o objetivo através do uso de armamento com outros jogadores (jogos de tiro). Para este último grupo analisado a partir da primeira manchete, faz-se necessário uma revisão dos objetos exaltados entre a juventude, pois, para eles, o uso exacerbado de jogos eletrônicos ou brincadeiras que tenham como ponto de divertimento a imitação de armas de fogo não representa um entretenimento saudável para o público infanto-juvenil. O apontamento feito diz respeito sobre a naturalização e, até certo ponto, a valorização da violência na sociedade. Tal justificativa usa de uma abordagem antropológica tendendo ao relativismo, buscando entender o sistema de símbolos no qual o indivíduo está inserido, analisando assim a construção dele nesse meio. A exposição de crianças e adolescentes a uma realidade sem censuras no tocante a violências e tipos de armas é incentivada desde cedo em se tratando de indivíduos masculinos e escondida ou amenizada quando tratando com indivíduos femininos. É comum presentear jovens meninos com armas de brinquedo e não reprimir qualquer tipo de comportamento normalmente tido como malcriado ou explosivo, usando o argumento de que seres do sexo masculino são biologicamente enérgicos ou mesmo violentos, até certa medida. Quanto a essa temática, será tratada mais à frente no presente texto.

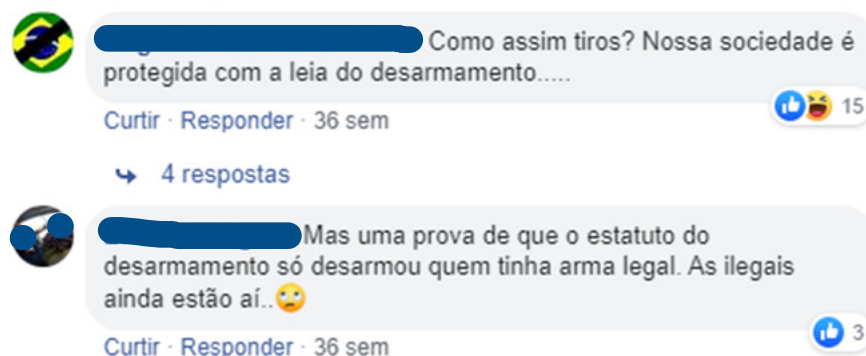
É interessante pensar que há um ponto de encontro entre algumas das opiniões dos internautas, como a identificação de uma ausência emocional que se transforma em um comportamento que faz uso da violência. Apesar de não ser um elemento que se sobressai em todos os discursos, é latente na fala dos internautas a construção de uma linha argumentativa que tem como ponto de partida a falta de algo; é a produção de um sofrimento que, na tentativa de preencher essa ausência, traça um caminho de autoafirmação através da violência. Esse sofrimento social também é abordado pela antropologia, enquanto uma ramificação antropológica das emoções. Ceres Victora apresenta uma noção de sofrimento como “uma daquelas condições que resistem à separação entre as dimensões física, psicológica, mental e espiritual” (VICTORA, 2011), com isso, a autora reflete acerca da corporificação do sofrimento e sua externalização social. Sua perspectiva teórica explica que o tipo de sofrimento produzido durante um período não tem a ver necessariamente com a disseminação de alguma patologia, podendo estar relacionada conforme a posição histórica e cultural na qual os sujeitos encontram-se inseridos, resultando assim no que ela chama de “corporificação do mundo”.



(Imagem 3 “Manchete 2: a objetividade das notícias”. Fonte: Estadão)



(Imagem 4 “Comentários sobre a manchete 2”. Fonte: Estadão)



(Imagem 5 “Comentários sobre a manchete 2”. Fonte: Estadão)

Já a segunda manchete, retirada da página do Estadão em uma rede social, apresenta o ocorrido de maneira mais sucinta e objetiva, esclarecendo questões quanto à ordem dos acontecimentos durante o massacre, explicitando os autores do crime e deixando suas identidades expostas a todos que lessem. A chamada não deixa de frisar que houve mortes, chamando o leitor a descobrir a sucessão de acontecimentos que culminaram no suicídio dos atiradores, usando inclusive de uma linguagem ambígua que não esclarece quanto ao porquê de um dos assassinos ter matado seu parceiro, servindo como uma isca para leitores curiosos.

Na seção de comentários referente à segunda manchete (imagem 5), há um contingente de pessoas clamando sobre a evidente falta de proteção dos centros educacionais, pois, usando de ironia em suas falas ao reclamar sobre a falsa segurança decorrente do estatuto de desarmamento, esse grupo de cidadãos elenca como solução cabível armar também os funcionários da escola e/ou educadores, a fim de evitar esses ataques armados. Esse clamor em “pagar com a mesma moeda” faz valer um pensamento imediatista que tem a intenção de tratar a consequência sem antes pensar na causa. Outros indivíduos que partem de um princípio similar sugerem redirecionar essa energia violenta para lugares onde, supostamente, seriam de maior utilidade. Segundo estes, parece que a violência é passível de validação se for utilizada enquanto meio para uma finalidade digna de atos violentos.

O comentário feito nessa seção que estabelece relação entre o Massacre de Suzano e os tiroteios massivos em escolas nos EUA, demonstra a conexão já explicitada no presente texto sobre a

influência de antigos ataques norte-americanos como exemplos a serem copiados. Vários internautas fizeram esse apontamento acerca da razão do aumento de ataques armados em escolas no Brasil ter relação com a forte influência estadunidense exercida em nosso país. A narrativa utilizada é a de importação de uma cultura vinda dos EUA e que com ela importou-se também os problemas, tal como o porte de arma e o aumento da frequência de tiroteios em ambientes escolares. O pensamento desenvolvido tem fundamento, uma vez que os valores estadunidenses estão presentes na forma de consumir, nas vestimentas, e até mesmo na linguagem utilizada no cotidiano do brasileiro, independentemente de sua classe social. Retomando aqui a linha argumentativa de Victora, é como se a absorção de valores culturais provenientes de outras sociedades produzisse também os sofrimentos sociais experienciados por ela.

Os discursos analisados através de comentários sobre notícias que relataram o massacre acabam por revelar a maneira como os indivíduos leitores constroem para si, com base nas informações fornecidas pelo jornal escolhido, narrativas de vida a respeito dos atiradores, de modo a procurar entender o que permitiu que tal evento acontecesse. Essa busca por compreender o que está por trás de acontecimentos tidos como extremamente violentos diz sobre como os internautas, apesar de terem uma visão limitada do episódio ao contar apenas com uma fonte de informação, tentam enxergar relações de causa e consequência que esclareçam o desdobramento dos eventos que tiveram no seu ápice esse evento sangüinário.

3.1. O USO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA E DO SENSACIONALISMO

A imprensa, que fica a cargo de informar a população sobre os acontecimentos recentes, tem na linguagem uma ferramenta versátil que consegue manipular, através de jogos de palavras e figuras de linguagens, a forma como leitor irá receber a informação. A recepção da mensagem, assim como seu entendimento, muda de acordo com o posicionamento dos termos, das escolhas de palavras e da linguagem discursiva selecionada para a transmissão daquele conteúdo.

G1 **MOGI DAS CRUZES E SUZANO** **1º DIÁRIO**

Quem eram os assassinos?

Os assassinos eram:

- [REDACTED] de 17 anos
- [REDACTED], de 25 anos

Os dois **eram antigos alunos da escola**. Ainda não há informações sobre a motivação dos ataques. Sabe-se que eles **frequentavam uma lan house em Suzano** para usar internet e participar de jogos on-line de combate com armas.

O mais jovem foi criado pela avó, que morreu há cerca de três meses. Já [REDACTED] vivia com os pais, um irmão mais velho e o avô. Ele era jardineiro e trabalhava na Zona Leste de São Paulo.

(Imagem 6 “Descrição dos assassinos pela mídia 1”. Fonte: G1)

A descrição fornecida pelo site do G1, assim como grande parte dos outros jornais que possuem sites ou páginas oficiais em redes sociais, consiste numa descrição sucinta acerca do passado dos assassinos. O destaque das manchetes sobre o Massacre de Suzano estava para além da identificação dos atiradores enquanto ex-alunos daquela escola, focando especialmente na forma como foi cometido o crime, nas armas que foram utilizadas e no trajeto percorrido do momento em que os assassinos entraram no ambiente escolar ao término do massacre, com o suicídio de ambos.

Ao citar as poucas informações obtidas sobre como e onde viviam os atiradores, parece que há uma tentativa de sutilmente humanizar esses indivíduos, mostrando que, à primeira vista, eram pessoas

tidas como comuns, sem indícios de que seriam capazes de orquestrar um crime tamanho. Outra observação que pode ser feita a partir da análise desses jornais e a maneira como conduziram a notícia, é que houve pouca investigação quanto à vida pessoal dos criminosos, sendo conduzido durante a leitura um protagonismo das vítimas do acontecimento, feito de maneira proposital com o intuito de mobilizar o emocional do público leitor, ao fornecer certo alívio ao informar que houve sobreviventes e relatar o heroísmo de algumas figuras durante o episódio.

O enfoque dado às vítimas e sobreviventes do ataque deixa brechas para que se faça sensacionalismos em torno da notícia. Apesar dos informativos em texto (mídia escrita) serem mais objetivos quanto ao que aconteceu, procurando responder perguntas essenciais sobre a autoria do crime, o modo como foi executado e quem são as vítimas fatais do lastimável evento, as reportagens em vídeo se utilizam do conceito que Victora apresenta como apropriação do sofrimento coletivo. O conceito explica que, ao explorar o sofrimento de um grupo, com a intenção de noticiar e comercializar esse sentimento para que se venda mais jornais e aumente a audiência da mídia televisiva, o que se produz é a intensificação do sofrimento vivido por aqueles que já se encontram em um estado de fragilidade emocional. Sucintamente, essa apropriação seria justamente o uso do sensacionalismo como forma de sobrepor o lucro à ética jornalística. A imagem que se segue é um recorte feito de uma matéria que relatava a maneira que diversos meios de comunicação faltaram com respeito às pessoas afetadas pelo massacre, em busca de uma reportagem altamente lucrativa.

Certo sangue-frio para lidar com tal situação é necessária por parte dos jornalistas, mas é preciso encontrar um limite, ainda mais ao lidar com os familiares das vítimas. Esse foi um dos principais problemas, exemplificado pelo repórter da BandNews Marcelo Moreira.

Ele encontrou a mãe de um dos assassinos, o jovem ██████████ e chegou a perguntá-la se ela se sentia responsável pelo ato do filho. Claramente desconfortável com o repórter e em choque com a série de eventos que tinha acabado de descobrir, ficou evidente que a sabatina, da maneira como foi feita pelo repórter, não deveria ter acontecido.

Leia também: Após elogiada ancoragem no "JH" sobre Brumadinho, Maju Coutinho chega ao "JN"

No SBT a situação não foi muito melhor. A repórter Marcia Dantas foi a primeira da emissora a chegar ao local e, ao invés de noticiar o que parecia um pânico generalizado, entrou em pânico juntos com todos a sua volta. Correndo, ela tentou falar com quem estivesse ali e acabou recebendo uma resposta aos gritos de uma mulher que se recusou a falar com ela. Para completar, o noticiário foi suspenso para a exibição do "Bom Dia & Cia".

(Imagem 7 "O uso de sensacionalismo pela mídia". Fonte: Gente.ig)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos 95 tiroteios cometidos nos Estados Unidos entre 1982 e 2017, 92 foram executados por criminosos do sexo masculino, segundo levantamento da imprensa americana (VEJA, 2018). Especialistas das áreas de psicologia, sociologia e antropologia afirmam que os dados, os quais mostram uma expressiva maior tendência masculina para uso de meios violentos como resolução de conflitos, não é por acaso. Há uma construção que vai sendo feita desde o momento em que é descoberto o sexo biológico de um neném e a determinação de que este passará a ser lido socialmente sob o rótulo de "homem"; sujeito dotado de um pênis, logo pertencente ao gênero masculino, e que assim sendo, deve agir como tal. O ideal de masculinidade (o "ser homem"), e o quão bem você conseguirá expressar esse conjunto de comportamentos e expressões tidas como tipicamente masculinas, servem como validação deste indivíduo em sociedade.

Uma das características que se espera do sujeito masculino é que ele esteja no extremo oposto da noção de vulnerabilidade, ou seja, não deve demonstrar suas fraquezas, suas necessidades, seus medos enquanto um indivíduo comum. Essa falta de abertura ao diálogo começa por bloquear

possíveis brechas de comunicação entre esse sujeito e a sociedade à sua volta, trazendo a impressão de que o mesmo encontra-se isolado dos outros, pois uma vez que não há conexão entre eles, não há a possibilidade de reconhecimento que o que um indivíduo sente não é algo particular a ele, e sim, um sentimento generalizado, desenvolvendo assim uma via de apoio entre iguais. É nessa conjuntura de criação do masculino que se pode identificar outra provável hipótese.

O fato de que não há uma maneira universal de sentir e expressar o que se sente não é um assunto novo na esfera dos estudos sociais, Marcel Mauss já pensava sobre essa expressividade em sua obra de título sugestivo “A expressão obrigatória dos sentimentos”. Ele pontua os sentimentos como uma linguagem, uma vez que são signos de expressões compreendidas, ou seja, ele observa que as emoções não são espontâneas, pois seguem obrigações sociais de acordo com a cultura dentro da qual foram construídas e instruídas, assim sendo, a prática da expressão no âmbito emocional é ritualizada e coletiva, e é pouco ou nada questionada quanto a sua forma expressiva devido à internalização desses modelos enquanto naturais a todos os seres humanos.

Dito isso, ao analisar o discurso imposto aos indivíduos masculinos desde seu nascimento, pode-se perceber que a eles não são fornecidos instrumentos de expressão, de modo que não sabem como gerir quaisquer sentimentos que os acometem. Ao ignorar seus sentimentos por não saberem meios de lidar com eles, tais sujeitos tendem a guardar para si tudo que se passa, abandonando seu lado emocional e acumulando situações solucionáveis dentro de si. O social atua como gestor da elaboração emocional, em outras palavras, há expressões emocionais definidas que são esperadas do indivíduo de acordo com o contexto situacional específico, de jeito que se sua construção social é de um indivíduo masculino, isso faz com que outros esperem de você certa conduta, e dentro desse pacote comportamental não há nada que diga respeito à gestão das emoções.

É válido lembrar de Hochschild (HOCHSCHILD, 2013) quando ela define a emoção por cooperação corporal. A partir disso, a reflexão feita é sobre como os indivíduos marcados como de gênero masculino - que não possuem ferramentas de gestão emocional - lidam com seus sentimentos, tanto interna quanto externamente. Nesse ponto, faz-se necessário lembrar o caso que vem sendo tratado no presente texto, que é a investigação das prováveis motivações que levaram dois jovens do sexo masculino a cometerem o que ficou conhecido como Massacre de Suzano, fazendo com que se levante a hipótese de que a questão da externalização da violência ser mais frequente em homens deve-se não a fatores biológicos, como é dito pelo senso comum, mas sim a crenças culturais enraizadas pelo indivíduo.

Com base nas reflexões estabelecidas, conclui-se que o conceito de masculinidade em vigor na sociedade ocidental possui caráter nocivo, visto que retira dos indivíduos tidos como masculinos os instrumentos necessários para a gestão das emoções, não só suas como também de terceiros. Devido ao fato de que os sentimentos são sentidos, porém não externalizados, emoções negativas tornam-se sofrimentos internalizados e, como resultado, o sujeito que as sente busca por si mesmo outras formas de lidar, e nesse momento ocorre uma intersecção entre a necessidade de manifestação de emoções reprimidas e a possibilidade de externalização violenta. Com efeito, é perceptível que há certa relação entre os fatores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOCHSCHILD, Arlie Russell. 2013. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. In: COELHO, Maria Claudia (org.), *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

MAUSS, Marcel. 1980. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Série Sociedade e Cultura, 2010.

ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, R.; LEVINE, R. (ed.). *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VICTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia. In: Reciis, v. 5, n. 4, p. 3-13, 2011. Disponível em <<https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764>>.

VICTORA, Ceres; COELHO, Maria Claudia. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 7-21, Aug. 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832019000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 24 Nov. 2019.

Atiradores matam oito após invasão de escola e um deles mata o comparsa antes de cometer suicídio. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 de mar. de 2019. Disponível em <<https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,atirador-invade-escola-e-atira-contra-alunos-em-suzano,70002753396>> Acesso em: 24 nov. 2019.

Cobertura jornalística de massacre em Suzano prioriza sensacionalismo. iG São Paulo, São Paulo, 14 de mar. de 2019. Disponível em <<https://gente.ig.com.br/tvenovela/2019-03-14/cobertura-jornalistica-tiroteio-suzano.html>> Acesso em: 24 nov. 2019.

Cronologia: massacre em Suzano. G1, Rio de Janeiro, 13 de mar. de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/cronologia-massacre-em-suzano.ghtml>> Acesso em: 24 nov. 2019.

Homens são os grandes responsáveis por tiroteios em massa nos EUA. Julia Brum, São Paulo, 13 de mar. de 2019. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/mundo/homens-sao-os-grandes-responsaveis-por-tiroteios-em-massa-nos-eua/>> Acesso em: 24 nov. 2019.

Massacre em Suzano: o que se sabe até agora. G1, Rio de Janeiro, 13 de mar. de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>> Acesso em: 24 nov. 2019.

Tiroteio em escola deixa 10 mortos em Suzano, na Grande São Paulo. Agência Estado, Minas Gerais, 13 de mar. de 2019. Disponível em <<https://tribunademinas.com.br/noticias/brasil-e-mundo/13-03-2019/tiroteio-em-escola-deixa-mortos-em-suzano.html>> Acesso em: 24 nov. 2019.